

**Entre caminhos e nomes: história e memória na toponímia urbana de Pedro Leopoldo (MG)**  
**Between paths and names: history and memory in the urban toponymy of Pedro Leopoldo (MG)**

*Leticia Rodrigues Guimarães MENDES\**

---

**RESUMO:** A linguagem, por seu valor e relevância para o homem e a sociedade, sempre foi alvo de inúmeros estudos. Abordagens atuais enfocam a língua como algo intimamente relacionado à cultura, às formas as quais o indivíduo possui de enxergar, habitar e interpretar o mundo e o ambiente em que está inserido. O presente artigo apresenta um recorte dos resultados parciais de uma pesquisa de doutorado em andamento, desenvolvida na Faculdade de Letras da UFMG sobre a toponímia urbana na cidade de Pedro Leopoldo (MG), com contribuições que integram os objetivos do ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais. Tem como foco o estudo dos nomes dos logradouros daquela cidade e a relação léxico-ambiente-cultura, apoiada nos estudos de Leite de Vasconcelos (1928); Meillet (1948); Dauzat (1951); Sapir (1961); Labov (1968); Biderman (1981; 2001); Guérios (1994), Dick (1990a; 1990b; 1997; 2006), Duranti (2000), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Léxico. Ambiente. Cultura. Toponímia urbana. Pedro Leopoldo.

---

**ABSTRACT:** Language, for its value and relevance to man and society, has always been the subject of numerous studies. Current approaches focus on language as something closely related to culture, the ways in which the individual has to see, inhabit and interpret the world and the environment in which it is inserted. This article presents an excerpt from the partial results of a doctoral research in progress, developed at the Faculty of Letters of UFMG on urban toponymy in the city of Pedro Leopoldo (MG), with contributions that integrate the objectives of ATEMIG - Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais. It focuses on the study of street names in that city and the lexical-environment-culture relationship, supported by the studies by Leite de Vasconcelos (1928); Meillet (1948); Dauzat (1951); Sapir (1961); Labov (1968); Biderman (1981; 2001); Guérios (1994), Dick (1990a; 1990b; 1997; 2006), Duranti (2000), among others.

**KEYWORDS:** Lexicon. Environment. Culture. Urban toponymy. Pedro Leopoldo.

---

---

\* Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Faculdade de Letras da UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7691-1562>. [leticia.pl.mendes@gmail.com](mailto:leticia.pl.mendes@gmail.com)

## 1 Introdução

Nas cidades, os nomes dos logradouros públicos e de outras vias que constituem a malha urbana, como avenidas, becos, alamedas, entre outros, muitas vezes são escolhidos de modo a constituir uma rica história da memória e da cultura local. Tal fato ocorre por meio da referência a pessoas (tanto em nomes, como também em prenomes e alcunhas), datas relevantes para o município e outros acontecimentos relacionados ao local, que são, geralmente, desconhecidos da população em geral.

Segundo Dick (1999, p. 97), os nomes “são recortes de uma realidade vivenciada, conscientemente ou não, pelo denominador, isolado, ou pelo próprio grupo, numa absorção coletiva dos valores especiais que representam a mentalidade do tempo histórico ou *ethos* grupal”. Assim o ato de escolha de determinado nome é capaz de revelar muitos dos padrões motivadores e suas diversas influências, sendo essas subjetivas ou não. Numerosas são as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas nessa temática (DICK, 1997, 2006; SEABRA, 2006, 2019; FAGGION; MISTURINI, 2014; FARIA, 2018; MACEDO, 2019, entre outras), por seu teor instigante e de grande valor para o resgate e a preservação da memória cultural de um povo.

Refletir sobre a realidade e local de habitação de um grupo, bem como pensar os nomes dos logradouros públicos das cidades faz despertar nos indivíduos o desejo de conhecer mais sobre suas próprias raízes. Quando os dados de uma pesquisa são investigados à luz da Onomástica, faz-se indispensável compreender que, arraigados aos nomes, se encontram vieses entre os quais podemos citar os costumes e hábitos dos diferentes grupos, capazes de definir sua cultura, numa macrovisão. Além disso, conhecer os diversos *locus vivendi* é conhecer mais sobre si, sobre o que formou os indivíduos que hoje habitam os espaços, preservam e desenvolvem sua cultura, dotados de suas próprias visões de mundo. O ser humano se comunica também por meio da linguagem, e por ela, que é instrumento inquestionável da transmissão de valores e culturas, faz-se possível a difusão do modo de vida e da ideologia de um

povo, explicitando, portanto, em tempos diversos, seu modo de enxergar o mundo e percebê-lo.

A cidade de Pedro Leopoldo, foco da pesquisa aqui explicitada, situa-se na Região Metropolitana de Belo Horizonte, mais especificamente a 40 km da capital mineira e integra o Vetor Norte, região que abarca a área do aeroporto Internacional de Belo Horizonte (Aeroporto Internacional Tancredo Neves) situado no município de Confins, bem como a outros municípios do entorno.

A origem de Pedro Leopoldo se relaciona a tempos bem remotos, pois, conforme postula Martins (2006), em terras pedroleopoldenses foram encontrados, pelo cientista e pesquisador dinamarquês Peter Lund, entre os anos de 1835 a 1880, fósseis e ossos humanos datados de cerca de 11 mil anos. Tal fato lançou luz sobre a remota ocupação das Américas, e foram propostas hipóteses diferentes das conhecidas até então pela Paleontologia.

O município relaciona-se também, numa perspectiva mais moderna, à chegada das bandeiras paulistas à porção central de Minas Gerais, no último quartel do século XVII. A bandeira de Fernão Dias Paes Lemes, que saiu de São Paulo em 21 de junho de 1674, segundo Martins (2006, p.34), “é associada ao momento inicial do povoamento colonial da região onde se situa o atual município de Pedro Leopoldo” e, segundo esse mesmo autor, o território atual da cidade em questão integra-se à rede de caminhos que cortou Minas Gerais e a interligou ao norte e ao sul do Brasil, pois “existiam no local fazendas dedicadas ao abastecimentos das áreas mineradoras do centro de Minas” (MARTINS, 2006, p. 16).

Observa-se que por trás dessa modesta cidade da região metropolitana escondem-se rica história e um passado que merece ser trazido à tona para que os habitantes do município conheçam mais sobre suas origens, quem são e outros aspectos relacionados à sua cultura, sociedade e realidade.

## 2 Pressupostos teóricos

A linguagem, por seu valor e relevância para o homem e para a sociedade, sempre foi alvo de inúmeros estudos. Abordagens atuais enfocam a língua como algo intimamente relacionado à cultura, às formas as quais o indivíduo possui de enxergar, habitar e interpretar o mundo e o ambiente em que está inserido.

A língua é o reflexo da sociedade. Um dos fatos que comprova esse dizer é que, assim como as sociedades, a língua sofre constantes mutações. Assim, nossa pesquisa pauta-se segundo esse viés, tendo como respaldo os estudos de Leite de Vasconcelos (1928); Meillet (1948); Dauzat (1951); Sapir (1961); Labov (1968); Biderman (1981; 2001); Guérios (1994), Dick (1990a; 1990b; 1997; 2006), Duranti (2000), entre outros.

Duranti (2000) defende a ideia de se fazer descrições culturais, pois a linguagem permite a seus falantes articular em um sistema aquilo que fazem com as palavras na vida cotidiana. Dessa forma, o estudo das linguagens dentro das diferentes culturas permite estudar o homem como ser mutante e modificador do ambiente em que vive. Isso ocorre porque cada indivíduo, inserido em sua realidade cultural, utiliza palavras que reproduzem diferentes e particulares maneiras de refletir sobre o mundo e sobre a existência humana e passa a compartilhar histórias, tendo acesso a memórias coletivas repletas de histórias e outros elementos que fazem parte do que é o ser humano, como opiniões, receitas etc.

Essa relação entre língua e cultura também encontra respaldo em Câmara Jr. (1955, p. 53), ao afirmar que “a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente”.

Labov, um dos criadores do modelo teórico metodológico da Sociolinguística, ressalta a necessidade de se compreender a língua como um conjunto estruturado de normas sociais; em outras palavras, poderíamos dizer que a linguagem possui uma função social, pois a língua é propriedade da comunidade, e não do indivíduo (LABOV, 2008). Esse pesquisador defende também o estudo dos fenômenos

linguísticos por meio de entrevistas estruturadas, elaboradas pelo pesquisador, a abordagem dos entrevistados, a transcrição e a interpretação dos dados.

Meillet (1948) assinala que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam; desse modo, pode-se, por meio da linguagem, acompanhar a evolução da sociedade, dos costumes, das normas de comportamento, do vocabulário de um povo ou de uma região ao longo do tempo e do espaço. A sociedade é condicionada pela língua, e a língua, pela sociedade, não existindo assim a linguagem fora dos indivíduos que a expressam. Mudam as sociedades e, conseqüentemente, a língua acompanha essas mudanças, pois se torna também suscetível às adaptações, ao longo do tempo, seguindo o curso das transformações sociais.

Sapir (1961) defende a ideia de que várias forças da sociedade modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Ele argumenta que as forças sociais podem ser consideradas como de caráter ambiental, pois cada indivíduo se acha colocado em meio a um conjunto de fatores sociais, ou seja, “o estudo cuidadoso de um dado léxico conduz a inferências sobre o ambiente físico e social daqueles que o empregam” (SAPIR, 1961, p. 31). Assim, é possível afirmar que a língua sofre influência do ambiente e, e isso pode se dar nos âmbitos do léxico, da fonologia e das estruturas lexicais. “O grau de importância e/ou minuciosidade na nomeação se fará pela relação de interesse da comunidade com o objeto a ser nomeado” (MENDES, 2009, p. 23).

Sapir (1961) postula ainda que o estudo cuidadoso de um determinado léxico conduzirá o pesquisador a inferências sobre o ambiente físico e social daqueles que o empregam. Indo além, o pesquisador acredita que o grau de transparência ou não transparência de um nome permite deduções sobre o grau de familiaridade adquirido com os vários elementos do ambiente.

Faz-se relevante, ainda, discorrer um pouco mais sobre alguns campos relacionados aos estudos lexicais. Sendo o léxico um sistema aberto e em constante expansão, torna-se muitas vezes difícil descrevê-lo em sua totalidade. Nos estudos

ocorridos a partir do séc. XIX houve o interesse dos linguistas pela história das línguas. Muitas vertentes foram surgindo, entre as quais está o método histórico-comparativo; mais tarde, a questão do sentido e o conteúdo das palavras foi enfocada por alguns estudiosos e, no final do século XIX, surgiram abordagens pautadas na relação “palavras e coisas”. Posteriormente, muitos estudos tinham como alvo o estabelecimento da relação entre significante e significado, e, mais adiante, a relação entre imagem acústica e conceito, no signo linguístico, possibilitou que o léxico fosse considerado como uma estrutura ou conjunto de estruturas. Na virada do séc. XIX para o XX, outro método relevante foi batizado de método geográfico, por meio do qual o pesquisador coletava dados de diferentes regiões e a constatação da complexidade da evolução linguística.

Caminhando-se por diferentes autores, em diferentes épocas de pesquisa, fica, de fato, muita clara a ideia da inter-relação da língua com a cultura. Para Biderman (1981), o léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma língua, pois engloba a nomenclatura dos conceitos linguísticos e não-linguísticos e os referentes do mundo físico e do universo cultural de uma sociedade.

A Lexicologia se encarrega do estudo científico das palavras, e abarca o estudo do vasto universo das palavras de uma língua, examinando algumas de suas particularidades, elaborando modelos teóricos e visa ainda “abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma ‘visão de mundo’, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais” (ANDRADE, 1968, p. 189). A Toponomástica, aliada à Antroponomástica, integram a Onomástica, que tem como foco o estudo dos nomes próprios e inscreve-se no campo geral da Lexicologia.

Segundo Guérios (1994), os nomes podem ser estudados sob duas perspectivas, as quais são: 1) o aspecto linguístico (de sua origem ou criação; etimológico) e 2) o aspecto social ou psicossocial (ou seja, da escolha, das razões com que foram

empregados). Sob o aspecto linguístico, assinala esse autor que “os antropônimos oferecem particular interesse, porque são os fósseis da língua (...) e [por meio d]eles, com o auxílio dos topônimos, é possível a reconstituição de numerosos elementos de uma língua, em grande parte ignorada” (GUÉRIOS, 1994, p. 20).

Ao discorrer sobre o aspecto social e psicológico dos antropônimos, esse estudioso postula que eles “refletem as civilizações passadas com todas as suas instituições e (...) são criados sob o influxo religiosos, político, histórico, etc., de circunstâncias variadíssimas, e em que transparece viva a alma popular de todos os tempos e de todos os lugares” (GUÉRIOS, 1994, p.21).

De acordo com Dick (1990b), na Onomástica ocorre uma junção entre nomeador, nomeado e receptor e, assim, a palavra desloca-se do sistema lexical para o sistema onomástico. Segundo Seabra (2006, p. 1954), “Na construção do processo denominativo, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental, cristalizando o nome e, assim, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes”. Assim, também é importante salientar que, se quisermos chegar à “verdade” do nome, faz-se indispensável, nos estudos onomásticos, “lidar com o contexto, com a relação homem/ambiente/sociedade, para recuperar o significado desse nome e reconhecer o seu percurso gerativo” (FILGUEIRAS, 2011, p. 31).

Nesse viés, percebe-se que a antroponomástica certamente se configura como uma fonte bastante rica de informações tanto, da língua, como da cultura, da religião e da ideologia presentes na sociedade que criou/empregou determinado nome, pois a língua conserva inalteradas, pelos nomes de pessoas, as mínimas partículas de significação, e conserva, assim, os traços ideológicos, revelando a história da denominação humana.

Os nomes dos lugares desempenham papel importantíssimo no estudo dos aspectos históricos e socioculturais das comunidades humanas, pois o léxico toponímico é considerado como expressão linguístico-social capaz de refletir aspectos

culturais e históricos de um núcleo humano existente ou preexistente. Caminhando ao lado da História e da Geografia, a Toponímia possibilita o reconhecimento da relação entre o ser humano e o espaço onde viveu, por meio da análise da motivação do denominador.

Por serem símbolos carregados de significados, os topônimos fazem parte da identidade coletiva de uma comunidade e refletem, desse modo, as marcas do saber cultural e histórico que são deixadas no espaço no qual foram inseridas. Especificamente falando sobre a denominação dos centros urbanos, ressalta Dick (1997, p. 31) que “a rua é o caminho melhorado, do ponto de vista de sua morfologia, e semanticamente, a rua é um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano. A rua tudo testemunha, numa atitude cúmplice de aceitação”.

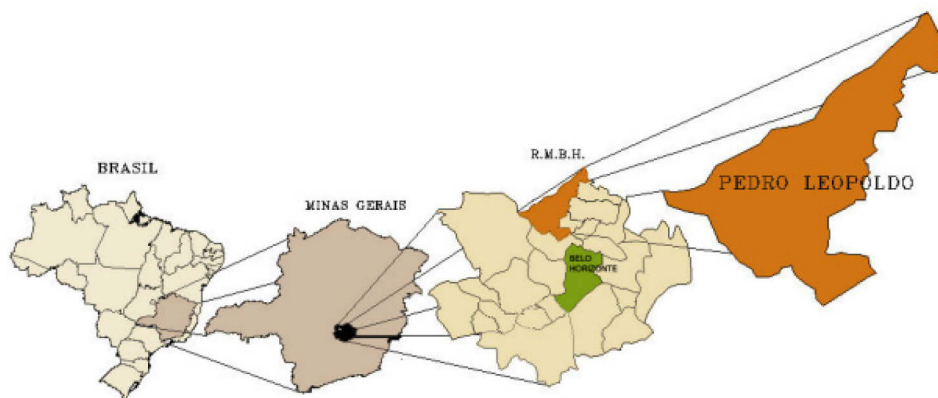
A pesquisa ora apresentada sobre alguns nomes de ruas, avenidas e praças em Pedro Leopoldo (MG) se propõe a caminhar exatamente neste sentido, qual seja, a relação entre os nomes de ruas e a história neles contida.

### **3 Metodologia**

Neste trabalho, buscou-se seguir a metodologia já empregada em pesquisas anteriores, cujos objetivos eram semelhantes ao desta investigação (FIGUEIRAS, 2011; OLIVEIRA, 2014; FARIA, 2017). O enfoque, no presente estudo, conforme já citado em outras seções desse texto, recai sobre a toponímia antroponomástica coletada nos logradouros da cidade de Pedro Leopoldo, em Minas Gerais. A Figura 1 apresenta a localização do município.



Figura 1 – Pedro Leopoldo – Localização.



Fonte: <http://www.csr.ufmg.br/geoprocessamento/publicacoes/DANIELA%20BATISTA%20LIMA%20BARBOSA.PDF> (p. 9). Acesso em: 30 set. 2020.

Primeiramente, foi necessário realizar o levantamento dos nomes de rua que compõem o alvo da pesquisa. Para isso, foram utilizados como fonte principal de consulta as listas telefônicas do município em sua última atualização disponível (2016/2017), bem como um documento oficial do município (Proposição de Lei, que atualizava os nomes de logradouros na cidade, de 2017) constituindo assim o *corpus* para o trabalho. Chegou-se ao número de 45 bairros espalhados por diversas regiões da cidade, incluídos aí os distritos que a compõem. O número total, englobando ruas, avenidas e praças, foi de 553 (quinhentos e cinquenta e três) antropotopônimos.

Por fundamentar-se nos estudos da Toponomástica, da Sociolinguística e da Antropologia Cultural, sendo este um trabalho da Onomástica, que envolve a cultura e a sociedade locais, foram focalizados aspectos históricos e geográficos da região pesquisada, buscando assim conhecer as origens do local e entender a sociedade da época da nomeação. Dessa forma, voltou-se ao passado, para conhecer a motivação da nomeação, em consultas à Legislação Municipal, que trata da nomeação de ruas, por meio dos Projetos de Lei, nos quais se encontram as justificativas para a escolha dos nomes e, posteriormente, à Lei Municipal propriamente dita, para registro da data da oficialização do nome.

Procurou-se, ainda, para os logradouros para os quais não se encontrarem justificativas nos Projetos (o que correspondeu a um número bastante significativo) buscar informações por meio de pesquisa histórica (acervos municipais e pessoais, obras literárias e pesquisas históricas feitas no município) e também por meio do contato com familiares dos homenageados e entrevistas orais com eles e com moradores/comerciantes das localidades pesquisadas, a fim de se reunir dados relacionados à cultura local, e mais especificamente, relativos ao conhecimento sobre a pessoa homenageada na nomeação do logradouro público.

As entrevistas foram registradas por meio de texto escrito (no caso de informações via e-mail ou WhatsApp, ou áudio (para as gravações presenciais) nos modelos dos estudos toponímicos, e se encontram devidamente arquivadas.

Ainda para o preenchimento das Fichas, foram visitados os logradouros, ou conseguidos, por meio da colaboração dos munícipes, placas das ruas, avenidas ou praças. Para o registro da localização, por não ter sido possível o acesso aos arquivos da Prefeitura, foram usados mapas dos aplicativos Google Maps e Waze.


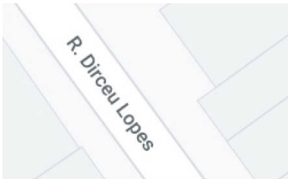

Pelo fato de a metodologia desta pesquisa seguir os moldes do ATEMIG, o próximo passo, conforme sugerido por Dick (2004), corresponde ao preenchimento das fichas toponímicas, e, por fim, passou-se à análise e interpretação dos dados. Seguiu-se o modelo proposto por Filgueiras (2011) para a construção das fichas de catalogação dos dados, com as adaptações necessárias para a realidade da presente investigação.

No quadro 1, apresenta-se uma Ficha de informações sobre o logradouro, com a catalogação dos dados relativos a esse exemplo devidamente preenchida. Na primeira linha do documento encontram-se o nome oficial no mapa do município, registram-se dados sobre a nomeação atual, a anterior, a presença de nome paralelo, a legislação e a foto do homenageado. Na segunda linha, têm-se a imagem da planta e a foto da placa. Sequencialmente, tem-se a biografia do homenageado e, fechando o documento, as fontes consultadas.

Nesse quadro, as informações foram inseridas a partir das entrevistas orais, das pesquisas da Legislação da cidade, dos dados encontrados em mapas e plantas do município, de fotografias encontradas nos arquivos municipais ou cedidas por familiares dos homenageados.

Após coletados os dados, as fichas são organizadas em ordem alfabética e completadas conforme o andamento das pesquisas.

Quadro 1 – Ficha de informações sobre o logradouro.

INFORMAÇÕES SOBRE O LOGRADOURO	
<p><b>Nome oficial no mapa do município:</b> Rua Dirceu Lopes</p> <p><b>Nome anterior:</b> Machado Vieira</p> <p><b>Nome paralelo:</b> não encontrado</p> <p><b>Localização:</b> Centro</p>	<p><b>Legislação:</b></p> <p>Lei Municipal n.º 613, de 16 de dezembro de 1970.</p>
<p><b>Foto do homenageado</b></p> 	
<p><b>IMAGEM DA PLANTA</b></p> 	<p><b>FOTOS DAS PLACAS</b></p> 
DADOS	
<p><b>PLANTA</b></p> <p>R. Dirceu Lopes</p>	<p><b>PLACAS</b></p> <p>Rua Dirceu Lopes</p>
<p><b>DADOS BIOGRÁFICOS:</b></p> <p>Dirceu Lopes Mendes nasceu em 25 de julho de 1946, em Pedro Leopoldo e, pela distância do cartório, foi registrado em 3 de setembro de 1946, filho de Tito Lopes Mendes e Maria Felix Mendes. Trabalhando desde os 8 anos como engraxate e depois aos 12 fabricando tijolos, sendo aprendiz de sapateiro (onde aprendeu a consertar bolas) e servente de pedreiro, Dirceu ajudava a família e não largava a bola. Frequentou a escola e trabalhou muito, ao mesmo tempo em que se destacava na cidade e era chamado para compor diversos times locais. Conhecido como <i>Príncipe do Futebol</i>, é um ex-jogador que fez história no Cruzeiro e é considerado como um dos maiores do Clube. Ele é o segundo jogador que mais fez gol e o terceiro jogador que mais vestiu a camisa celeste. Em 2013, Dirceu Lopes foi agraciado com a Bola de Ouro de 1971, ano em que teve a melhor média de notas entre todos os jogadores do Campeonato Brasileiro. Casado com Cecília Freitas Mendes e teve como filhos: Juliana Freitas Mendes; Gustavo Freitas</p>	

Mendes; Vinicius Freitas Mendes; Emerson Freitas Mendes e como netos: Lorena; Maria Cecília e Miguel.

**FONTES:**

- **Site da Câmara Municipal de Pedro Leopoldo.** Disponível em: <<https://sapl.pedroleopoldo.mg.leg.br/norma/1826>>. Acesso em
- **Relato escrito** de Cristiane Cunha (sobrinha), em 15/04/2020. Foto: Facebook, página “Pedro Leopoldo e sua história”. Acesso em 20/02/2020.
- **Site** [https://cruzeiropedia.org/Dirceu\\_Lopes\\_Mendes](https://cruzeiropedia.org/Dirceu_Lopes_Mendes) Acesso em 21/03/2020.
- **Google Maps**, versão 2020, para Android. Acesso em 21/03/2020.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

A tabulação dos dados e os resultados parciais da investigação em curso apresentam-se, na sequência.

#### 4 Resultados e análises parciais dos dados

Nesta seção apresentam-se os dados parciais retirados do corpus desta pesquisa, ainda em curso. As informações foram sistematizadas por meio dos registros catalogados nas Fichas de informações sobre os logradouros.

Observa-se, sobre o gênero, que, dos 553 topônimos os quais constam do nosso banco de dados, 448 correspondem ao gênero masculino e 105 ao feminino. Esses números podem evidenciar que a escolha dos nomes está relacionada, em maior parte, ao universo masculino e à representação dos homens e seus diversos papéis na sociedade investigada.

No que concerne à estrutura dos antropotopônimos, a classificação deste estudo baseou-se na teoria de Leite de Vasconcelos, encontrada em Seabra (2004): *prenome*, para designar nome de pessoa; *apelido de família* para designar sobrenome; *alcunha* para designar o que comumente se chama de apelido (depreciativos ou não); *hipocorístico* para o tratamento íntimo e carinhoso.

Em nossos dados, há maior incidência da estrutura de prenome + apelido de família, com 458 ocorrências (como exemplos, Rua *Ascendino José da Costa*, Avenida *Gil Antônio Pereira*, Praça *José Elias da Costa*). Há pouquíssimas ocorrências que contém

apenas o prenome (como exemplos: Rua *Iracema*, Rua *Lindéia*, Rua *Noeme*) e outras, apenas o apelido de família (como exemplos: Rua *Antão*, Rua *Barbosa*, Rua *Teixeira* e estruturas tais como Rua *Dos Couras*, Rua *Dos Andradas*, Estrada *Dos Borges*).

Foram encontradas também muito poucas ocorrências para as alcunhas (Como Rua *Antônio Mansinho* - cujo nome completo é Antônio José da Silva; e Rua *José Damas* - cujo nome completo é José Alves da Silva). Houve, para os hipocorísticos, 17 ocorrências, como Rua *Chico Mendes*, Rua *Chiquinho Félix*, Rua *Juca Isaías*, Rua *Neném Perdigão*, Rua *Nonô Batista*, entre outros.

Abordamos em nossa investigação, além das estruturas já citadas, os axiotopônimos, forma designada para os nomes que incluem “títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais” (DICK, 1990, p. 32). Encontram-se em nossos dados: Coronel (2 ocorrências - Avenida *Coronel Juventino Dias*; Rua *Coronel Cândido Viana*); Dona (8 ocorrências - Rua *Dona Branca*, Praça *Dona Clita Batista*, Rua *Dona Dedéia* etc); Doutor (16 ocorrências - Rua *Doutor Rocha*, Rua *Doutor Neiva*, Rua *Doutor Herbster*, Avenida *Doutor Otávio Costa*, entre outros); Escritor (1 ocorrência - Rua *Escritor Humberto Campos*); Expedicionário (7 ocorrências - Rua *Expedicionário Ataíde dos Santos*; Rua *Expedicionário Rui Antônio Silva*; Expedicionário *Raimundo Nogueira da Cruz*, por exemplo); Farmacêutico (1 ocorrência); as curiosas ocorrências de *Nhá* (*Nhá Chica*) e *Inhazinha* (*Inhazinha Carvalho*), as quais foram consideradas como corruptelas da forma “*Sinhá*”; Irmãos (1 ocorrência - Rua *Farmacêutico José Martins*); Juiz (1 ocorrência - rua *Juiz Ari Castilho*); Mestre (2 ocorrências - Rua *Mestre Mário* e Rua *Mestre Roque*); Padre (3 ocorrências - Rua *Padre Augusto*, Rua *Padre Espechite*, rua *Padre Sinfrônio Torres de Freitas*); Prefeito (3 ocorrências - Rua *Prefeito Cecé*, que é uma mistura de axiotopônimo + alcunha/hipocorístico; Rua *Prefeito Antônio Dias Pereira* e Rua *Prefeito Ari Bahia*); Presidente (1 ocorrência - Rua *Presidente Kennedy*); Professor (4 ocorrências - Rua *Professor Azarias Cândido Ferreira*, Rua *Professor Bicalho*; Rua *Professor José Matos*, Praça

*Professor Camilo C. Santos*, ); Professora (6 ocorrências – Rua *Professora Guida Viana*, Rua *Professora Beatriz*, Rua *Professora Justa Vilela do Amaral*, como exemplos); Senador (1 ocorrência – Rua *Senador Melo Viana*) e Vereador (3 ocorrências – Rua *Vereador José Roberto Amaral*, Rua *Vereador Magno Claret Viana*, Rua *Vereador Vicente Moreira Júnior*).

Não foi possível, até o momento, tratar da questão da variação e mudança dos nomes do corpus de modo aprofundado. Pretende-se verificar, conforme apontam outras pesquisas na área, se haverá manutenção das formas mais antigas. Tal fato seria plenamente possível em nossos dados, visto que, pelas buscas em documentos de Leis e Projetos de Leis junto aos órgãos denominadores (Prefeitura e Câmara Municipal), para a maioria dos logradouros não havia nomes anteriores, apenas denominações genéricas como Rua A, Rua 1, Rua XV. Pedro Leopoldo é uma cidade ainda recente, com 96 anos, e muitos bairros fora da região central foram criados apenas nas décadas de 1980/1990.

Outro ponto que consideramos de extrema importância, dada a natureza de nosso estudo, e que ainda se encontra em investigação, diz respeito à transparência dos nomes dos logradouros investigados. Para Seabra (2019, p. 145), “quando o antropotopônimo está relacionado à História, esse vínculo [denominativo] se mantém, e o seu sentido é mais comumente identificável”. Ao serem realizadas entrevistas com antigos moradores da cidade, percebe-se que há, de fato, certa transparência nos nomes, ou seja, essas pessoas conseguem ainda identificar alguns dos homenageados.

Investigando-se sobre a história e as origens da cidade, percebe-se que muitos nomes estão ligados à memória coletiva da cultura e da história local. O próprio nome do município – *Pedro Leopoldo*, remete ao engenheiro da Estrada de Ferro Central do Brasil que chefiava os trabalhos do prolongamento dos trilhos para o norte de Minas e faleceu repentinamente; sem nunca sequer ter vindo ao município, foi homenageado. Além do próprio nome do município, há ainda um logradouro (Rua *Pedro Leopoldo*), em um dos distritos, com a mesma denominação.

Mais antigos que esse, outros nomes relacionam-se ao próprio desbravamento das cercanias, como verdadeiros testemunhos do passado. Para Dick (1990),

se a toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. [...] Torna-se pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. (DICK, 1990, p. 22).

É esse o caso da Rua *Fernão Dias*, presente em um dos distritos mais antigos do território pedro-leopoldense, e em cuja região, de fato, transitou e estabeleceu-se o renomado caçador de esmeraldas.



Há ainda muitos antropônimos relativos a pessoas diversas na cidade, que foram homenageadas por desempenharem na sociedade diferentes papéis e que deixaram, com o passar do tempo, seus legados aos cidadãos, todos contribuindo, de algum modo, para a história da cidade. Pessoas que foram pioneiras no município, responsáveis por iniciar na localidade grandes empreendimentos (como é o caso da Fábrica de Tecidos Cachoeira Grande) que geraram empregos e atraíram gente de perto (que trabalhava nas fazendas da região) e de longe. Um dos principais nomes é o do sr. Antônio Alves Ferreira da Silva, fundador da Fábrica e que deu nome à *Rua Antônio Alves*, anos depois sendo substituída essa denominação pela do sobrinho, Antônio Alves de Mello, que hoje é o nome da rua principal da cidade, a *Comendador Antônio Alves*.

Os que aqui primeiro vieram trabalhar e ajudaram a erguer a Fábrica por meio de seu trabalho braçal ou especializado, também não foram esquecidos, como em: Rua *João Leroy*, Rua *José Hilário Rodrigues*; há aqueles de cujas propriedades foi retirada matéria prima (madeira) para erguer a companhia, como Rua *José Quintiliano Costa*; aqueles que integram as grandes famílias pioneiras da cidade, como Rua *Otoni Alves*, Rua *Romero Carvalho*, Rua *Amando Filho*; há médicos que deixaram marcas de cuidado

e desvelo para com os cidadãos, como Rua *Rivadavia*, Rua *Dr. Christiano Otoni*; Rua *José de Azevedo Carvalho*; pessoas comuns também foram homenageadas, como na Avenida *Carmelinda P. Costa* ou Rua *Dona Maria da Conceição Leroy*.



A seguir, explicitam-se alguns desses exemplos, em recortes da Ficha de dados, salientando-se a biografia e a foto dos homenageados, nos quadros 2 a 5, em categorias diversificadas.

Quadro 2 – Homenageados na toponímia urbana de Pedro Leopoldo (MG). Categoria: nomeador da cidade (e de Rua no Município).

Nome Oficial do Logradouro	Foto do homenageado	Dados biográficos (excertos):
<p>Rua Pedro Leopoldo</p> 		<p>Dr. Pedro Leopoldo da Silveira nasceu no ano de 02/12/1850 no município de São Cristóvão, Estado de Sergipe. Filho do tenente Coronel Manoel Fernandes da Silveira e de Felismina Aguiar da Silveira, formou-se pela Escola de Engenharia do Exército. Faleceu em 09 de Agosto de 1894, na cidade de Sabará. Naquela época, ele chefiava os trabalhos do prolongamento da Estrada de Ferro Central do Brasil para o norte de Minas. [...] Dr. Pedro Leopoldo foi sepultado no Cemitério Público de Sabará. Seus restos mortais foram transladados para o Cemitério de Pedro Leopoldo em 27/01/1964, quando a cidade completava 40 anos de emancipação política.</p>

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 3 – Homenageados na toponímia urbana de Pedro Leopoldo (MG). Categoria: Médicos.


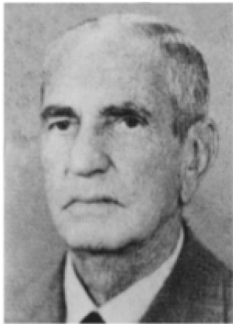
Nome Oficial do Logradouro	Foto do homenageado	Dados biográficos (excertos):
<p>Rua Rivadávia</p> 		<p>Rivadavia Versiani Murta de Gusmão nasceu em Itinga – MG, no dia 15 de março de 1893. Era filho de Ermelindo da Silva Gusmão e de Augusta Versiani Murta de Gusmão. Diplomou-se médico pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, em 1918, na 1ª turma, e recebeu uma homenagem especial por ter se classificado como o primeiro aluno da turma. Exerceu medicina durante seis anos, em Pedro Leopoldo, em Minas Gerais, na década de 1920. [...] Tornou-se assistente, em 1929, do serviço de Clínica Cirúrgica da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, vindo a ser o</p>



		<p>Chefe desta em 1933. [...] Foi homenageado pelos médicos diplomados em 1930 (turma de Guimarães Rosa). Tratava seus alunos e alunas de forma igualitária, sem discriminação, e dizia: “Estudantes de medicina não tem sexo”[...]. Faleceu em 27 de setembro de 1963, em Belo Horizonte.</p>
--	--	--


Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 4 – Homenageados na toponímia urbana de Pedro Leopoldo (MG). Categoria: pioneiros.

Nome Oficial do Logradouro	Foto do homenageado	Dados biográficos (excertos):
<p>Rua Amando Belisário Filho</p> 		<p>Amando Belisário Filho (Também conhecido como Amandinho) nasceu em 01 de setembro de 1877, em Sete Lagoas – MG. Era filho de Amando Belisário de Freitas Bicalho e Maria Valleriana da Fonsêca Vianna Belisário. Veio para Pedro Leopoldo com a família no final do séc. XIX. Viveu na cidade, exercendo a função de comerciante, sendo o fundador da “Casa Amando Filho”, um armazém de secos e molhados que funcionava na esquina da Rua Dr. Zacharias (atualmente, Rua Dr. Rocha) com a Rua Dr. Herbster. Possuía uma fazenda em Pedro Leopoldo, cuja localidade hoje se tornou o Bairro Dona Júlia. Foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Associação Comercial de Pedro Leopoldo. [...] Foi casado com Júlia Juliêta de Mello (conhecida como D. Julinha), com quem teve os filhos: Amandina; Ary; Nair; Maria (Mariquinha); Délio e Orlando. Amando Filho participou fortemente da política local. Faleceu em Pedro Leopoldo, em 23 de abril de 1962, em decorrência de uma pneumonia.</p>

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 5 – Homenageados na toponímia urbana de Pedro Leopoldo (MG). Categoria: cidadãos comuns.

Nome Oficial do Logradouro	Foto do homenageado	Dados biográficos (excertos):
<p>Rua Dona Maria Leroy (não há placas no logradouro; localidade identificada por meio de mapa)</p>		<p>Maria da Conceição Leroy, conhecida como Dona Maria Leroy, nasceu em 05 de maio de 1900, em Pedro Leopoldo. Era filha de Maria Cândida da Conceição e Pedro pereira Pinto, e viveu em Pedro Leopoldo. Era procurada pelas pessoas por sua bondade e caridade, sendo benzedeira; segundo informações, como se dizia popularmente, “cozia as dores” das pessoas. Era muito querida pela população, destacava-se por ser carinhosa e meiga. Gostava de cuidar de suas plantas, era muito religiosa, dedicava-se a cuidar também da família e do lar. Foi casada com José Thomás Leroy, com quem teve os filhos: Heli Leroy, Hélio Leroy, Terezinha Leroy</p>

		da Silva, Edith Leroy, Roberto Leroy, Lúcio Leroy, José Leroy Filho, Eni Leroy, Lica Leroy. Faleceu em Pedro Leopoldo, no dia 05 de março de 1983.
--	--	--

Fonte: dados da pesquisa (2020).

## 5 Considerações finais

Tendo em vista os dados expostos em pequena amostragem do corpus investigado, verifica-se, sem sombra de dúvida, a marca memorial encontrada nos antropotopônimos de Pedro Leopoldo. Evidencia-se, nas nomeações, o patrimônio cultural da comunidade pesquisada, como uma espécie de arquivo social, que reflete percepções, vivências e experiências presentes na localidade, em tempos pretéritos, resgatadas para o presente e para a posteridade.

Conforme salienta Isquerdo (1996) e como está evidente nos dados da pesquisa, há “por trás de cada designativo [...] uma espessura histórica, uma cultura diversa, uma intenção muito particular do denominador [...], um aparato linguístico que devem ser respeitados e valorizados” (ISQUERDO, 1996, p. 351). Cabe aos estudiosos da língua, dar prosseguimento a essas investigações, tão relevantes para a preservação da língua e da história dos povos.

## Referências

- BIDERMAN, M. T. C. **A estrutura mental do léxico**. Estudos de Filologia e Linguística. EDUSP – SP. Universidade de São Paulo, 1981, pp. 131-144.
- BIDERMAN, M. T. C. Fundamentos da Lexicologia. *In*: BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 99-155.
- DAUZAT, A. **Dictionnaire Étymologique des Noms de Famille et Prénoms de France**. Paris: Larousse, 1951.
- DICK, M. V. de P. do A. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo/Edições Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos.** 2.ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

DICK, M. V. de P. do A. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1987.** 2. ed. São Paulo: Annablume, 1997.

DICK, M. V. de P. do A. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de Caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. *In: Investigações Linguísticas e Teoria Literária.* v. 9. Recife, UFPE: 1999. p. 119-148.

DICK, M. V. de P. do A. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. *In: As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.* Campo Grande: Ed. da UFMS, 2004. p. 121-130.

DICK, M. V. de P. do A. Fundamentos Teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). *In: SEABRA, M. C. T. C. de (org.). O léxico em estudo.* Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2006. p. 91-117.

DURANTI, A. **Antropologia Linguística.** Madrid: Cambridge: University Press, 2000.

FARIA, G. da C. dos S. Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 1151-1174, 2018. DOI <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.1151-1174>

FILGUEIRAS, Z. F. **A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente.** 2011. 349 f. Mestrado (Dissertação em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2011.

GUÉRIOS, R. F. M. **Nomes e sobrenomes - Tudo o que você gostaria de saber e não lhe contaram (dicionário etimológico).** São Paulo: AM Edições, 1994.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Informações sobre a cidade de Pedro Leopoldo no estado de Minas Gerais.** Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=314930>. Acesso em: 01 set. 2017.

ISQUERDO, A. N. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural.** 1996. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

LABOV, W. The Reflexion of Social Processes in Linguistic Structures. *In*: FISHMAN, J. (ed.). **Readings in the Sociology of Language**. The Hague: Mouton, 1968. p.240-251. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110805376.240>

LEITE DE VASCONCELLOS, J. C. P. de M. **Antroponímia Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

MACEDO, C. R.; SEABRA, M. C. T. C. de. A antroponímia do Centro Histórico de São João Del-Rei – MG, do séc. XVIII ao séc. XXI. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, n. 63, p.51-70, Salvador, 2019. DOI <https://doi.org/10.9771/ell.v0i63.33764>

MARTINS, Marcos Lobato. **Pedro Leopoldo: Memória Histórica**. 2.ed. Pedro Leopoldo: Gráfica Tavares, 2006.

MENDES, L. R. G. **Hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro**. 2009. 260f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MEILLET, A. **Esquisse d'une histoire de la langue latine**. 5.ed. Paris: Hachette, 1948.

SAPIR, E. **Linguística como ciência: Ensaio**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SEABRA, M. C. T. C. de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo**. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, M. C. T. C. de. ATEMIG - Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB. *In*: MAGALHÃES, J. S. de; TRAVAGLIA, L. C. (org.). **Múltiplas perspectivas em Linguística**. v. 1. Uberlândia/MG: EDUFU, 2006. p. 1945-1952. Disponível em [http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_403.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_403.pdf). Acesso em: 02 set. 2017.

Artigo recebido em: 29.09.2020

Artigo aprovado em: 04.01.2021